

## JOHN DEWEY: UMA LÓGICA DA DEMOCRACIA

MARIA NAZARÉ DE CAMARGO PACHECO AMARAL

Não há como fugir ao fato de que o pensamento de John Dewey é consoante com algo de peculiar e espontâneo do pensamento americano. Através de sua vasta obra, ele não se cansou de pregar que a chave de uma vida significativa é o progresso; que os inimigos da vida são a inflexibilidade e a cega resistência às transformações. E o que dizer, então, da fé inabalável que deposita na inteligência humana como aquele instrumento poderoso e, por isso mesmo, capaz de alcançar para o homem um lugar de destaque entre as criaturas vivas? Esta fé, que também não escapa ao quadro das tradições do seu povo, nele encontrou o instrumento de expressão viva e profunda. Com efeito, talvez melhor do que ninguém tenha ele sabido expressar os sentimentos e os pensamentos de seu povo; apreendido o espírito de sua pátria; captado as possibilidades de sua época. Parece ter cumprido à risca a missão que sempre considerou legítima para os filósofos, ou seja, a de exprimir os profundos conflitos e as infundas incertezas da civilização de que participam (1). Sempre defendeu a concepção instrumental da filosofia. Propugnou a aplicação da crítica filosófica à realidade circundante e com grande fervor salientou que a filosofia só pode ser relevante se mantiver relação com o mundo. Conseqüentemente, se dissermos que a filosofia deweyana parece resumir-se numa filosofia da democracia, isto, de forma alguma, poderá nos causar o menor espanto. O seu valor instrumental revela-se, claramente, quando percebemos que ela espelha os anseios peculiares à tradição democrática do povo americano.

Na verdade, a democracia age, para o autor, como idéia diretriz, como guia e orientação de nossa atuação, isto é, como um método, como um meio, um caminho para a vida humana, mas não, propriamente, como uma solução. Neste aspecto, o projeto democrático é uma opção, uma escolha moral. Trata-se de uma verdadeira opção de vida, cujo único apoio é uma fé ardente que a toma, não como uma dentre as muitas opções possíveis, mas como a única digna de seres humanos. Eis, aí, uma fé que precisa ser salva. De fato, o pensamento deweyano, enquanto construção teórica, parece não ter outro propósito que o de responder a essa necessidade fervorosa de defender o ideal democrático de vida.

---

(1) Cf. *Philosophy and Civilization* — Massachusetts: Peter Smith Gloucester, 1968, p. 7.

Por ocasião da comemoração do seu octogésimo aniversário natalício, Dewey, ao concluir sua conferência, pede licença para “afirmar, resumidamente, a fé democrática nos termos formais de uma posição filosófica” (2). Mais do que isto, o alimento intelectual parece ser o único capaz de satisfazer aquele desejo emotivo intenso, aquele apetite ou aquela necessidade de unificação sentidos pelo autor logo no início de sua atividade filosófica (3).

Assim é que, apoiado em razões subjetivas, Dewey concebe o mundo como uma vasta e esplêndida unidade, porém uma unidade flexível, branda, constituída por elementos que se mantêm em contínuo intercâmbio. Em suma, tal unidade implica em flexibilidade e continuidade de interações. Então, é como se disséssemos que, em meio a esse mundo, as distinções significativas só pudessem estar localizadas entre os diferentes níveis de complexidade que permeiam as interações dos acontecimentos naturais, o que não implica em dizer que tais diferenças possam acarretar uma diferença total de classe entre esses mesmos acontecimentos. Parece localizar-se aí a influência do estudo que Dewey fez do evolucionismo por intermédio de Huxley, isto é, daquela noção bastante “atraente” da interconexão dos seres no mundo. Ora, a idéia isolada mais influente em seu pensamento foi, ao que tudo indica, a da Evolução. Ela veio a significar a retirada da natureza de sua última fixidez, qual seja, a das espécies, além da inclusão do homem na natureza e da adoção de uma visão biológica da inteligência. Darwin, esse teórico da evolução, havia deixado bem claro que as faculdades mentais do homem e as dos animais inferiores não diferem quanto ao tipo, mas sim, imensamente, quanto ao grau. Uma simples diferença de grau não poderia jamais justificar a colocação do homem num reino à parte. Afinal, ele não passa de uma das muitas formas excepcionais de Primata.

Esse modo de conceber o homem e o mundo parece servir muito bem aos propósitos de alguém, como Dewey, que pretendeu reintegrar o conhecimento e a atividade do homem na estrutura da evolução universal sem, todavia, deixar de reconhecer as extraordinárias diferenças que caracterizam essas mesmas atividades e realizações em relação àquelas de outras formas biológicas. A seu ver, não existe um salto brusco do meramente do organismo ao meio requerido, pelo autor, para explicar as interações do organismo ao meio requerido, pelo autor, para explicar as interações entre acontecimentos naturais do mais baixo nível de complexidade, parece ser, igualmente, satisfatório para aferir o valor das atividades humanas que se incluem entre os acontecimentos naturais do mais alto nível de complexidade. É próprio do autor que, em sua sede de caracterizar um

---

(2) A Democracia Criadora — A Tarefa à Nossa Frente — In: Edman Irwin — *John Dewey: Sua Contribuição para a Tradição Americana*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960, p. 333.

(3) Cf. Dewey, John — From Absolutism to Experimentalism. In: Adams, G. P. and Montague, W. P. — *Contemporary American Philosophy*. Vol. II, New York: The MacMillan Co., 1930, p. 19.

mundo uno, adverte-nos: "... a interação do organismo é o meio levando a certa adaptação, que assegura a utilização deste último, é o fato primeiro, a categoria fundamental. O conhecimento está relegado a uma posição derivada, secundária por origem e implicada no processo em virtude do qual se mantém e se desenvolve a vida" (4). De fato, todo processo de conhecimento tem sua origem em uma *perturbação* sofrida pelo organismo; trata-se, então, de fazer cessar essa perturbação, de restabelecer um *equilíbrio* e, assim, de acalmar um sofrimento, de por fim a uma dor.

A idéia verdadeira permite-nos mover com comodidade através das coisas que nos cercam, na medida em que facilita a nossa ação tornando-a mais segura. Como se fosse um bálsamo, a idéia verdadeira deve trazer-nos a paz interior ao mesmo tempo que a exterior: é um estado comparável à saúde, ao bem-estar, à riqueza, à felicidade. Neste sentido, a verdade não é nunca uma cópia fria da realidade: é algo vivo que tem por função enriquecer nosso ser. Se ela deve trazer-nos a saúde, a riqueza e a felicidade, e se todos esses bens são conquistados pelo homem, com efeito, a própria verdade deve, inevitavelmente, ser um produto do engenho humano.

Nada estranho para quem, como Dewey, considera estar fazendo uma apreciação justa de alguma coisa quando diz o que essa coisa é em nossa *experiência* e não em seu *ser* (5). Ao que parece, aquele equilíbrio vital existente entre o organismo humano e o meio rompe-se evidenciando, deste modo, a inevitável capitulação de um dos polos em questão. O próprio autor parece estar ciente desse fato ao afirmar que o centro do mundo, esse todo movente de partes interatuantes, é constituído pela experiência humana, a única capaz de gerar mudança em função de fins inteligentemente definidos (6). Não obstante, aquele equilíbrio, resultante da interação contínua do organismo com o meio, não sofreu qualquer ruptura, pois como poderia, se não se efetivou a referida capitulação, mas antes, uma sólida fusão de ambos os polos em questão? Isto não quer dizer que continue a existir o equilíbrio em apreço, pois ele nunca foi sequer necessário à vitalidade do pensamento deweyano. Este, sedento de unidade, pôde ver facilmente a continuidade harmoniosa entre o organismo e o meio, o homem e o mundo, a experiência e a natureza porque todas essas oposições já nasceram sem vida em meio a esse mundo. Nele, a experiência humana anula, radicalmente, todos esses opostos e outros possíveis e imagináveis porque é ao mesmo tempo pensamento e realidade.

Final, já vimos que o conhecimento não consiste mais num salto mortal que deveria projetar o espírito no mundo das coisas; que a idéia

(4) *Reconstruction in Philosophy* — New York: The New American Library, 1954, p. 83.

(5) Cf. *The Postulate of Immediate Empiricism* — In: *The Influence of Darwin on Philosophy*. Bloomington: Indiana University Press, 1965, p. 234.

(6) Cf. *La Busca de la Certeza* — Prólogo y versión española de Eugenio Ímaz, Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1952, p. 259.

verdadeira não é mais a idéia imagem ou cópia dos objetos. A realidade é nossa obra. Construímos o mundo à medida que vamos criando a verdade e sempre tendo em vista a nossa própria comodidade. A construção da verdade e a construção da realidade formam um único e mesmo processo, sendo ambos solidamente apoiados na experiência humana enquanto ato puro de vida. É neste sentido, aliás, que pensamento e realidade se aproximam: ambos são instrumentos que cooperam com a própria vida. E se a realidade é nossa obra o é, efetivamente, no sentido em que cooperamos em criá-la. Mais do que isto, ela é o produto do esforço humano cooperativo porque, em verdade, estamos falando de uma realidade distintivamente humana, qual seja, a social. Com efeito, quem poderia desejar uma realidade mais vital para os propósitos deweyanos de salvar a fé ardente na democracia como o único ideal de vida humanamente digno?

A conotação social atribuída à realidade, fruto de ser ela o produto da colaboração de muitos indivíduos e não de um só, pode ser igualmente aplicada à noção de verdade, pois esta, da mesma forma que a outra, é uma conquista social. Assim, fugimos ao iminente perigo da atitude cética em relação à determinação da verdade, tendo em vista que ela é nossa criação e deve, antes de tudo, ser-nos bastante cômoda. Com efeito, cada um tem interesse em atuar em comum com seus semelhantes, pois só deste modo pode sentir-se mais forte e, conseqüentemente, mais eficiente e mais "útil" em relação à possibilidade de partilhar do processo de construção do mundo e da verdade. A própria noção de liberdade também adquire essa mesma tônica social. O homem é livre quando tem poder, e pode possuí-lo somente quando age de acordo com o todo, sendo assim reforçado por essa mesma estrutura (7). Afinal, liberdade não é uma idéia, um princípio abstrato, mas um poder e poder efetivo de fazer coisas específicas.

A condição primordial de sobrevivência parece ser a de aprendermos a considerar nossos próprios hábitos e disposições como expressões, projeções e extensões de atitudes pessoais dominantes. Isto não quer dizer que não tenhamos uma "sensação" de liberdade, pois seres singulares pensam, querem e decidem em sua singularidade, todavia, o que pensam e lutam por conseguir, o conteúdo de suas crenças e intenções é um assunto provido por associação (8).

No entanto, só isto não basta para entendermos como não só aceitamos, mas também requeremos espontaneamente a autoridade da opinião comum transmitida a nós por associação. Somos levados a crer que esse consenso de opiniões, de tal forma eficiente para a harmonia dessa realidade social, deve necessariamente ter uma origem extra-individual, algo que Dewey pressupõe implicitamente e que constitui, para nós, o verda-

---

(7) Cf. Dewey, John — *Philosophy and Civilization*. Massachusetts: Peter Smith Gloucester, 1968, p. 238.

(8) Cf. Dewey, John — *The Public and its Problems*. New York: Henry Holt & Co., 1927, p. 13.

deiro apoio de sua construção teórica. Trata-se da existência de uma conexão íntima e vital entre democracia e natureza humana expressa através da fé no "homem comum" como um dogma do credo democrático. O elo de ligação e, portanto, o fator extra-individual responsável pela referida conexão é constituído pela inteligência humana vista não como um dom nativo e individual, mas como um dom social que se reveste de uma função tão pública quanto é a sua origem na cooperação social. Mais do que isto, a cooperação social inclui-se, para o autor, entre as necessidades inatas do homem, aquelas exigências inerentes à sua constituição, exigências estas que não mudam, ou pelo menos não existe, para ele, qualquer evidência de que mudarão enquanto o homem estiver na Terra (9).

Na verdade, a inteligência só pode funcionar, efetivamente, como um recurso social porque ela própria está, desde a origem, presa a uma estrutura humana fortemente socializada, isto é, capaz de corresponder, o mais fielmente possível, aos anseios do meio social que, por uma feliz coincidência, é produto de sua própria criação.

A título de ilustração, gostaríamos de mostrar como estão profundamente interligadas duas tendências, aparentemente opostas, do pensamento educacional de John Dewey. Ao falarmos em educação não estamos fugindo aos nossos propósitos de extrair de sua filosofia alguns subsídios que possam nos instruir com vista a uma melhor compreensão da mesma, visto que o autor desse mundo, inteiramente permeável aos propósitos e desejos humanos, não poderia atribuir à filosofia outra missão senão a de ser uma teoria geral da educação (10). Vejamos, então, em que sentido o nosso autor concebe o processo educativo, de um lado, como a expressão do mais profundo respeito às necessidades e às forças vivas da criança e, de outro, como uma necessidade imperativa de encontrar no meio social a maior força modeladora dessas mesmas disposições e atitudes. Afinal, o que pode garantir, de forma tão segura, ao autor, que o meio social influenciará positivamente essas tendências infantis no sentido de propiciar-lhes a mais suave e contínua florescência? Mais ainda, por que o autor sempre se mostra tão otimista em relação ao destino do homem e da humanidade de um modo geral? Como sabemos, não há nada de misterioso em tudo isso, mas, simplesmente, a atuação eficaz de uma profunda crença nas possibilidades da natureza humana para reconstruir e recriar continuamente a verdade democrática.

Presenciamos, aqui, uma identificação do processo lógico do pensamento e do processo ativo que cria o real. Como vimos, o mundo, o real está sendo progressivamente criado e recriado pela inteligência ou pensamento do homem, e aí parece estar implícita a aceitação, por parte do autor, de que o produto desse mesmo processo só é real porque verdadeiro.

---

(9) Cf. Dewey John — Does Human Nature Change? In: *Problems of Men*. New York: Philosophical Library, 1946, p. 184.

(10) Cf. Dewey, John — *Democracy and Education*. New York: The Mac-Millan Co., 1955, p. 383.

Ora, sabemos que construir a realidade não implica, necessariamente, que semelhante construção não seja ilusória. Em outras palavras, uma coisa é organizar nossas sensações, outra é interrogarmo-nos sobre o valor lógico desta organização. Não obstante, essas afirmações perdem sua validade em meio ao universo deweyano que desconhece, deliberadamente, a autonomia do pensamento e, com ela, sua esfera lógica. A estreita relação entre conhecimento e vida faz do primeiro, inevitavelmente, uma simples função da vida.

Neste caso, não percebemos qualquer incoerência na construção teórica do autor, que consistiu na defesa de uma fé e, enquanto tal, de uma verdade indiscutível. Nestes termos, nada mais "justo" que o não reconhecimento da esfera lógica do pensamento; que o desconhecimento de seu valor próprio, pois, como vimos, ele já nascera inteiramente comprometido com a lógica da democracia.

... e a realidade não implica, necessariamente, que semelhante construção não seja ilusória. Em outras palavras, uma coisa é organizar nossas sensações, outra é interrogarmo-nos sobre o valor lógico desta organização. Não obstante, essas afirmações perdem sua validade em meio ao universo deweyano que desconhece, deliberadamente, a autonomia do pensamento e, com ela, sua esfera lógica. A estreita relação entre conhecimento e vida faz do primeiro, inevitavelmente, uma simples função da vida.

Neste caso, não percebemos qualquer incoerência na construção teórica do autor, que consistiu na defesa de uma fé e, enquanto tal, de uma verdade indiscutível. Nestes termos, nada mais "justo" que o não reconhecimento da esfera lógica do pensamento; que o desconhecimento de seu valor próprio, pois, como vimos, ele já nascera inteiramente comprometido com a lógica da democracia.

... e a realidade não implica, necessariamente, que semelhante construção não seja ilusória. Em outras palavras, uma coisa é organizar nossas sensações, outra é interrogarmo-nos sobre o valor lógico desta organização. Não obstante, essas afirmações perdem sua validade em meio ao universo deweyano que desconhece, deliberadamente, a autonomia do pensamento e, com ela, sua esfera lógica. A estreita relação entre conhecimento e vida faz do primeiro, inevitavelmente, uma simples função da vida.

Neste caso, não percebemos qualquer incoerência na construção teórica do autor, que consistiu na defesa de uma fé e, enquanto tal, de uma verdade indiscutível. Nestes termos, nada mais "justo" que o não reconhecimento da esfera lógica do pensamento; que o desconhecimento de seu valor próprio, pois, como vimos, ele já nascera inteiramente comprometido com a lógica da democracia.